

Veículo: *Portal G1*

Data: 12/08/2011

Entrevistadora: Thais Herédia

“Recuperação da Crise Será Longa e Penosa”

A turbulência dos mercados financeiros, alimentada pela crise aguda de confiança na solvência dos países mais desenvolvidos, gera uma neblina de incertezas sobre o futuro da composição das forças político-econômicas do mundo.

Para o economista **Edmar Bacha**, diretor do Instituto de Política Econômica – Casa das Garças, já é possível afirmar que Europa e Estados Unidos deverão viver uma “década perdida” e acredita que a recessão econômica é praticamente certa. Bacha, um dos principais formuladores do Plano Real, teme pelo fortalecimento dos movimentos nacionalistas de direita que podem levar a uma desinternacionalização entre os países, uma saída que, segundo ele, não garante paz e prosperidade ao mundo.

Para o Brasil, Edmar Bacha sugere que o “susto” com a dimensão da crise externa seja um aviso sobre a fragilidade do país no médio prazo, reforçando a necessidade de se retomar as reformas para garantir mais estabilidade fiscal e financeira ao país, o quanto antes.

Veja os principais trechos da entrevista exclusiva ao G1.

O que já é possível prever como consequência de longo prazo da crise que colocou em risco as maiores economias do mundo?

Bacha - Nós estamos passando por um processo de transição muito importante no mundo como um todo. Tanto em termos das hegemonias políticas dos Estados Unidos e Europa, quanto do poder econômico relativo deles. A grande novidade do mundo no século XXI é a emergência dos países emergentes. Na metade deste século, essas economias já deverão representar uma proporção majoritária do PIB mundial

Europa e EUA, além de serem hegemonias econômicas, foram até agora a referência de risco e confiança nos mercados financeiros. Essa referência também será transferida aos emergentes?

Bacha - Ainda não sabemos bem como e se esse processo se dará dessa forma. Se nós vamos chegar lá, na posição de sermos os novos âncoras do sistema financeiro internacional, neste momento essa mudança está funcionando na contra-mão. Em vez de continuar a haver melhoria de qualificação de risco dos emergentes, o que está havendo é uma diminuição da segurança dos papéis dos países desenvolvidos. Não é exatamente um mérito dos emergentes e isso pode ser um problema lá na frente.

O sistema financeiro internacional está novamente sendo testado ferozmente, como aconteceu em 2008. As ações dos grandes bancos da Europa, incluindo os bancos ingleses, estão perdendo muito valor. Qual o efeito disso na recuperação das economias?

Bacha - Na medida em que a crise enfraquece os bancos, com perdas no valor das ações nas bolsas, a capacidade de empréstimo desses bancos vai ficando muito abalada, porque a base de capital deles estará diluída. Isso é recessivo! Eu não creio que nós tenhamos a perspectiva de reeditar uma crise financeira das proporções que experimentamos em 2008. O que temos pela frente é a perspectiva de uma recessão muito mais duradoura e uma dificuldade de retomada do crescimento econômico bem maior do que antecipávamos até 6 meses atrás.

O Sr. dá a recessão como certa?

Bacha - Estou dando como certo que não vai haver recuperação. Há um processo de estagnação em curso e teremos pela frente uma década perdida dos países desenvolvidos. Até que seja possível reabsorver os excessos de endividamento dos últimos 20 anos.

Isso pode gerar mudanças no estado de bem-estar social desses países?

Bacha - A questão do bem-estar social terá que ser toda redefinida. Não há mais espaço para a presunção de que os governos terão recursos suficientes em mãos para, como se dizia na Suécia, que o cidadão tenha proteção do berço ao túmulo. Há outras conseqüências. Com a economia estagnada e as dificuldades dos governos, temos o desemprego. Com certeza, vamos passar por uma redefinição fundamental. Ainda não está muito claro como será essa acomodação.

E quais as implicações políticas desse processo?

Bacha - Será uma volta dos partidos de direita, dos nacionalistas? O Tea Party nos EUA, por exemplo, os grupos de direita da Alemanha. Há uma preocupação de que haja um movimento de desinternacionalização das economias. Esse é o grande risco. A China eventualmente terá que passar por um processo de sistema político mais aberto para poder acomodar a prosperidade do país.

O que o Sr. mais teme que ainda possa acontecer?

Bacha – A coisa que eu mais temo é com relação à unidade européia. Como o euro vai se sustentar. O euro é maior experimento de internacionalização que existe no mundo. E realmente, se ele fracassar, não que seja o fim do mundo, mas daria espaço para uma reafirmação dos nacionalismos. O grande risco que nós enfrentamos é que essa crise dê origem a uma reação contra a globalização e, na contrapartida, o fortalecimento dos nacionalistas que trazem também um caráter muito anti-democrático aos países.

O euro como moeda comum ainda tem salvação?

Bacha – Eu acho improvável o fim do euro. O mais provável é o alijamento dos países mais fracos e a zona do euro se fortalece. Isso implicaria o rompimento do acordo e portanto teria que partir dos países do centro. Essa, eu acho que é a saída menos penosa. Há economistas mais práticos que propõe dar umas “férias” para Grécia, por exemplo. O cenário mais arriscado, de baixíssima probabilidade, seria, em vez de os mais fracos saírem, quem sai é a Alemanha. Isso seria um desastre do ponto de vista

internacional. A terceira alternativa é manter o euro como está mas com um maior fortalecimento da unidade fiscal entre os países.

A reação do governo brasileiro está adequada? Estamos mais seguros hoje?

Bacha - Eu gostaria que isso servisse como uma aviso de como é frágil a nossa situação no médio prazo. Precisamos retomar uma política de reformas que dêem estabilidade fiscal e financeira no médio prazo, porque da maneira que estamos indo não vamos conseguir. É uma boa oportunidade, aproveitar o susto que as pessoas tomam agora, para fazer o necessário. Tem muita coisa que precisaria ser repensada em termos de atitudes, ações de Estado. Para qualquer lugar que se olha, tem coisa para ser feita.

O que mais o surpreendeu nos desdobramentos da crise? O que nunca passou pela sua cabeça que pudesse acontecer?

Bacha - A perda do AAA (classificação de risco da dívida pública) pelos EUA, realmente nunca tinha imaginado que isso pudesse acontecer. Obviamente isso cria um mundo novo, uma perspectiva sobre o que implica ter um mundo onde não existem mais países cujos títulos podem ser considerados sem risco de default (calote). Essa questão do retorno de risco soberano dos países ricos é muito surpreendente, inesperada e assustadora.

Há caminho de volta?

Bacha - A volta será longa e penosa. Não acredito que mundo vá acabar não! Nós teremos um processo longo pela frente. O ideal seria procurar uma situação-alternativa de fortalecimento da internacionalização. É por aí que vamos manter a paz e a prosperidade no mundo. Meu medo é de que, como consequência deste desmoronamento da qualificação de risco dos países mais importantes e das dificuldades financeiras que eles estão apresentando, os países se fechem para o mundo.